

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO**

GISLAINE BERTO SERAFIM

**DESDOBRAMENTO DO PROCESSO ARTÍSTICO EM MEIO A LUGARES
AFETIVOS**

**CRICIÚMA
2018**

GISLAINE BERTO SERAFIM

**DESDOBRAMENTO DO PROCESSO ARTÍSTICO EM MEIO A LUGARES
AFETIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Odete Angelina Calderan

CRICIÚMA

2018

GISLAINE BERTO SERAFIM

**DESDOBRAMENTO DO PROCESSO ARTÍSTICO EM MEIO A LUGARES
AFETIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas - Linguagens.

Criciúma, 22 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Odete Angelina Calderan - Mestre em Artes Visuais - (UFSC) - Orientadora

Profa. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora em Ciências da Linguagem -
(UNISUL)

Profa. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira - Mestre em Ciências da Linguagem -
(UNISUL)

Dedico primeiramente a Deus por me amparar a realizar meus sonhos, e a minha mãe que não mede esforços em me ajudar. Muito obrigada!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado esperança para não desistir em meio às dificuldades.

Meu principal agradecimento vai para minha mãe, que amo muito, que abriu mão de várias coisas para me ajudar a concluir a graduação, me ajudou em todos os instantes não me deixando desistir em meio às dificuldades, dando um jeito em tudo e pensando no melhor para mim, agradeço pela sua força de vontade e disposição sempre pronta a me incentivar a ir atrás do meu sonho, espero que de alguma forma um dia eu possa retribuir tudo a ela, meu amor maior!

Ao meu irmão Jailson Berto Serafim e a minha cunhada Luciana Rodrigues por ter me ajudado no começo dessa caminhada me incentivando e aconselhando para que eu pudesse fazer as melhores escolhas.

A meus padrinhos Madalena e Odair pela a grande ajuda nesse período, me incentivando a superar as dificuldades para a não desistir do que eu quero.

Aos amigos que conquistei ao decorrer do curso de graduação Andreia, Bruna, Elisabete, Leisla, Jhonatan e Felipe que vou levar para a vida, agradeço pela ajuda nas dificuldades, pelos incentivos, conselhos, por nossas risadas que damos em meio aos problemas, mesmo cada um tendo sua personalidade, seus problemas, mas mesmo assim nunca deixamos de nos ajudar, porque aprendemos a nos amar com todo carinho que precisamos.

A minha orientadora professora Odete Calderan que me ajudou a focar na pesquisa buscando compreender meu processo de artista pesquisadora, agradeço a sua dedicação.

Obrigada também a professora Aurélia Honorato e Katiúscia de Oliveira, pelo aceite em fazer parte da minha banca.

Agradeço a querida professora Angélica Neumaier por ter me ajudado com sua atenção e carinho em parte a minha caminhada.

Aos demais professores do curso e meu especial agradecimento.

Enfim, a todos que de uma forma ou outra contribuíram ao longo dessa caminhada, meu muito obrigado!

***“O desenho é uma atividade perceptiva,
algo que não se completa, mas que nos
convida, sugere, evoca.”***

Edith Derdyk

RESUMO

A presente pesquisa se insere na linha de pesquisa de Processos e Poéticas - Linguagens do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Unesc. Apresenta como objeto de pesquisa que se desdobra a partir da minha trajetória com o desenho junto às recorrências em torno do tema marítimo (âncora, corda, barco, mar) e seu contexto simbólico. O que determina o problema da pesquisa que busca investigar o que acontece quando o processo com o desenho se expande em direção novos lugares afetivos? Quanto ao objetivo busco desenvolver uma produção teórica e prática, para isso aponta considerações acerca do desenho articulado a outras linguagens, para isso, trago autores importantes Derdyk (2015), Dias (2011), Azevedo (2009), Cocchiarale (2006), Demo (1996), Canton (2009), Dubois (2003), Salles (2014) e outros. Também estabeleço diálogos com artistas que ajudam a compreender o contexto da produção artística Mônica Nador, Sandra Cinto e Suzano Correia. Assim, entre os balanços do mar na travessia me detenho nos pontos de ancoragem significativos acerca da minha trajetória universitária e os lugares afetivos, e que se desdobram no processo artístico.

Palavras-chave: Desenho. Lugares Afetivos. Processo Artístico.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Mônica Nador Paredes pintadas, 2004. Tinta sobre parede técnica estêncil dimensão variável	15
Figura 2 - Mônica Nador Mandala (estêncil), 2012. Pvc cortado a laser 30 x 30 cm (estêncil) 25x25 cm	15
Figura 3 - Imitação da Água, 2010 (Instituto Tome Ohtake). Sandra Cinto	16
Figura 4 - Sandra Cinto. Encontro das águas, 2012. Caneta permanente na parede, corte de vinil em madeira dimensões do barco variável	17
Figura 5 - Susano Correia	18
Figura 6 - Desenho em papel A4 feito com nanquim e aquarela, 2015	21
Figura 7 - Desenho com elementos marítimos sobre papel A4 e pratos de porcelana (realizado com caneta própria para o material), 2016	21
Figura 8 - Escultura esmaltada em branco e desenhos em azul, tamanho 30 cm, 2016	22
Figura 9 - Anker' exposta na Sala Edi Balod (UNESC), 201724Figura 10 - Começando os recortes	23
Figura 10 - Começando os recortes	27
Figura 11 - Impressão na parede, 2018.....	28
Figura 12 - Detalhe. Impressão na parede 2018	28
Figura 13 - Lugar afetivo: Gaivota (SC)	30
Figura 14 - Detalhe: Lugar Afetivo- Gaivota (SC)	31
Figura 15 - Lugar Afetivo: São Camilo- Casa dos meus padrinhos	33
Figura 16 - Desdobramentos- Lugares Afetivos, 2018 Erro! Indicador não definido.	
Figura 17 - Desdobramento - Lugares Afetivos, 2018	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FAAP	Fundação Armando Álvares Penteado
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 PONTO DE PARTIDA.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	10
2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DESENHO	13
3 DIÁLOGO COM ARTISTAS	15
3.1 MÔNICA NADOR	15
3.2 SANDRA CINTO.....	17
3.3 SUSANO CORREIA	19
4 PROCESSO EM MEIO A LUGARES AFETIVOS.....	20
4.1 DESDOBRAMENTOS - LUGARES AFETIVOS.....	31
5 IMPRESSÕES PARA CONCLUIR.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1 PONTO DE PARTIDA

Comecei a desenhar na minha infância com o incentivo da minha família, principalmente pela minha mãe, sendo assim, minhas primeiras produções surgiram na minha casa de onde guardo muitas recordações. Na escola a disciplina de Artes me encantava quando envolvia atividades com o desenho, podia ser de observação, pontilhismo, geométrico, natureza, não importava qual seria o tema, mas sim os traços se formando nas folhas de papel. Também guardo na lembrança o fascínio que os materiais de desenho sempre exerceram sobre mim, desde o mais simples lápis grafite, como também os lápis de cor, aquarelas, canetinhas, tintas coloridas, giz de cera, os suportes como os cadernos de desenho, as folhas sulfites e as pastas para guardá-los. No final do Ensino Médio passei pela angústia quanto à escolha do curso de graduação, mas foi a partir de uma visita a instituição (Unesc), que fiz a opção pelo curso de Artes Visuais - Bacharelado, em 2015.

De lá para cá, no transcorrer de cada semestre do curso de graduação, fui tendo experiências nas disciplinas, citando algumas, o Ateliê de Percepção e Desenho, Ateliê de Cerâmica, Ateliê de Escultura, Ateliê de Gravura, Ateliê de Pintura, sempre procurando adquirir o máximo de conhecimento em cada uma delas, para aprimorar minhas produções.

Um dos assuntos predominantes que passou a me interessar nesse período foi ligado ao 'tema marítimo', principalmente os elementos como: o barco, a âncora, a corda e o mar/água, eles passaram a se destacar na grande maioria dos meus trabalhos repetidamente. No decorrer do processo, por opção escolhi trabalhar apenas com um dos elementos simbólicos, a âncora.

1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa intitulada "Desdobramento do processo artístico em meio a lugares afetivos" insere-se na linha de pesquisa de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense -

UNESCO, que permeia os fundamentos históricos, tecnologias, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais¹

De acordo com Demo (1996, p.34) sobre pesquisa, compreendo-a como um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático.” Dessa forma toda iniciativa para a orientação de um estudo implica em “uma busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento” (ZAMBONI, 2006, p.43), ou seja, a necessidade de investigar uma determinada problemática pessoal. Contudo, a pesquisa em arte não possui, necessariamente, como objetivo final a solução da questão proposta, vale-se em maior parte pelas reflexões que a mesma visa estimular no público ou espectador.

Na investigação me detenho primeiramente na observação da minha trajetória da graduação em torno do desenho e das recorrências em torno do tema marítimo (âncora, corda, barco, mar) e seu contexto simbólico; junto aos desdobramentos desencadeados no processo da pesquisa e que, acabou desencadeando meu problema da pesquisa: Investigar o que acontece quando o processo com o desenho se expande em direção novos lugares afetivos?

Quanto ao objetivo busco desenvolver uma produção teórica e prática, para isso trago autores importantes para refletir sobre o assunto da pesquisa em torno da arte, do desenho, do lugar como Derdyk (2015), Dias (2011), Cocchiaralle (2006), Azevedo (2009), Demo (1996), Canton (2009), Dubois (2006), Salles (2014) e outros. Os artistas Mônica Nador, Sandra Cinto e Suzano Correia me ajudam compreender o contexto da produção artística.

Para um melhor entendimento desse estudo organizei a produção textual em capítulos e subcapítulos:

Na introdução situo como tudo acontece desde o interesse na infância pelo desenho, mais tarde na escola e depois, pela escolha do curso de graduação.

No segundo capítulo trago um recorte sobre as manifestações artísticas envolvendo o desenho e desdobramentos até a contemporaneidade, materializando-se em diversas linguagens e meios.

¹ Normas para elaboração e apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Artes Visuais - Bacharelado II - DAS LINHAS DE PESQUISA - Art. 2º - Linhas de Pesquisa e Ementário. Disponível em: <www.unesc.net/secconselhos>. Acesso em: 20 maio 2018.

No terceiro trago os diálogos e contribuições para o meu processo artístico com a artista Mônica Nador, Sandra Cinto e o artista Suzano Correia.

No quarto capítulo explico que, em meio ao estudo e às atividades práticas passei a me interessar pelo 'tema marítimo', utilizando representações como barco, corda, mar/agua e principalmente a âncora. E em outro momento, me detenho em meio a lugares afetivos, primeiro parto do desenho (transferência e impressão), e na escolha dos lugares afetivos.

Nas considerações, nas impressões para concluir, percebo que, a pesquisa está sempre em trânsito, assim trago reflexões em torno dos resultados decorrentes da pesquisa junto da produção artística.

2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO DESENHO

As manifestações artísticas do homem foram encontradas ainda nas cavernas em desenhos e impressões nas paredes, também no desenvolvimento de pequenos artefatos como amuletos, em utensílios ligados a caça, a pesca, e mais tarde ao cultivo da agricultura.

Em outro momento da história com a revolução industrial, o desenho foi valorizado porque viabilizava a construção das máquinas industriais e na arquitetura com a construção e ampliação das cidades.

O contexto de desenho na história, a princípio era compreendido como complemento em apoio à elaboração de outras linguagens como da pintura, da escultura. No entanto, pelas investigações dos artistas na história até nossos dias o desenho passa a ser compreendido como extensão do pensamento, que pode ser expresso em linhas de acontecimentos, de gestos ou em produções artísticas as mais diversas, muito além do lápis e papel, de esboço, do objeto.

Conforme a autora Derdyk (2015, p.52):

Apesar de sua natureza transitória, o desenho, uma língua tão antiga e permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o é velho. Fonte original de criação e invenção de toda sorte o desenho é exercício da inteligência humana.

Na contemporaneidade, como um campo indeterminado sem regras específicas, a arte pode contar história de modo potente. Para Canton (2009a, p.12-13), “precisa conter o espírito do tempo, refletir visão, pensamento, sentimento de pessoas, tempos e espaços.”

Pode ser materializada de diversas formas, tendo uma apresentação que leva a pensar em múltiplos significados, contextos e conceitos, levando uma apresentação artística para a sociedade. Essa expansão de formas diversas e complexas pode levar o público a um estranhamento, principalmente o mais conservador que faz ligação da arte somente com pinturas em quadros com esculturas.

De acordo com Cocchiarale (2006, p.80), “nem sempre nos surpreende para o lado bom, mas não podemos generalizar, e achar que tudo que é contemporâneo é estranho, e até criarmos uma rejeição, e um certo medo.”

A arte contribui cada vez mais para o envolvimento do indivíduo com meio onde ele vive e transpor a produção artística para a rua, ultrapassando os espaços institucionalizados como museus e galerias, atingindo além do público especializado, todo e qualquer indivíduo. Amparando este raciocínio, Canton (2009, p.18) declara que:

Nos anos 1960 [...] muitos artistas, movidos por um espírito de tempo cada vez mais comprometido com a experimentação, passaram a questionar a institucionalização da arte pelos museus. Na tentativa de transformar o espaço de “fora”, em oposição aos espaços institucionais das paredes museológicas, o espaço de “dentro”, eles se lançaram à ocupação do espaço externo [...].

Na pesquisa ao eleger os lugares onde morei, de certa forma passei a ressignificá-los como “espaço de liberdade” (FERREIRA; COTRIM, 2009, p.36). Foi no desenho que tudo começou, mas todas as linguagens artísticas se encaixam entre si e sempre com um intuito em comum, a expressão, intenção e a emoção que cada uma traz para o público, independentemente da sua forma. Tendo que todos os tipos de arte são de muita relevância para a sociedade. Na concepção de arte temos o conceito de Huyghe (1986, p.11):

[...] A arte e o homem são indissociáveis. Não há arte sem homem, mas talvez igualmente não haja homem sem arte. Por ela, o homem exprime-se mais completamente, portanto, compreende-se e realiza-se melhor. Por ela, o mundo torna-se mais inteligível e acessível, mais familiar. É o meio de um perpétuo intercâmbio com aquilo que nos rodeia, uma espécie de respiração da alma bastante parecida com a física, de que o nosso corpo não pode prescindir. O ser isolado ou a civilização que não têm acesso à arte estão ameaçados por uma imperceptível asfixia espiritual, por uma perturbação moral.

Jamais poderíamos viver sem a arte, talvez possamos não ter a compreensão sobre ela, mas não poderíamos viver indiferente a ela. Seria um mundo triste, sem expressão, com sentimentos reprimidos, pois não existe forma mais significativa de demonstrar sentimentos se não através da arte, sendo através da arte clássica ou contemporânea, as sensações que ela nos provoca é inevitável, sempre vai nos mover de alguma forma e provocar alguma reação.

3 DIÁLOGO COM ARTISTAS

Os artistas trazidos para esse diálogo contribuem no meu processo artístico, pois, possuem forte referência do desenho e outras linguagens, e em algumas das obras estudadas com o tema da pesquisa, trazem diferenças e aproximações.

3.1 MÔNICA NADOR

A artista Mônica Nador, formou-se em Artes Plásticas na Faculdade da Fundação Armando Alvares Penteado, FAAP (São Paulo - 1983), fez um curso de gravura planográfica², no Instituto ECA/USP. Ainda na década de 80 a artista começa a desenvolver grandes telas com listras que se sobrepõem explorando cores, formas e dimensões.

A artista fez um projeto chamado “Paredes Pinturas” a partir de 1999³, ela levou seu trabalho para comunidades carentes onde os próprios moradores pintaram figuras em suas casas de forma decorativa e aprendendo com a artista a técnica do estêncil a qual é utilizada no seu trabalho. O projeto começa com a pintura na parede dos moradores da comunidade, desenhos escolhidos por eles como decoração dos seus próprios ambientes, e em 2004 surgiu o JAMAC⁴ - Jardim Miriam Arte Clube onde reuniu pessoas da comunidade, artistas na periferia de São Paulo, então começou a criação de estampas em tecidos e roupas com os desenhos dos muros. Em 2015 Mônica Nador fez a exposição dela junto ao JAMAC.

A artista traz uma nova postura que deixa o artista livre para fazer arte fora da forma tradicional de trabalhar no ateliê fechado. O trabalho de Monica Nador tem semelhança com o meu trabalho, pois utilizam a técnica estêncil e a pintura na parede meu trabalho trata-se de locais afetivos e a meu ver Nador também mostra

² Disponível em: <<https://www.sinonimos.com.br/busca.php?q=planogr%E1fica>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

³ Parede Pintura. Disponível em: <<https://arteparaumacidadesensivel.wordpress.com/obras/paredes-pinturas/>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

⁴ Disponível em: <<http://jamac.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

esse afeto quando coloca pessoas comuns que não são artistas para fazer suas impressões em suas próprias casas.

Figura 01 - Mônica Nador. Paredes pintadas, 2004. Tinta sobre parede técnica estêncil dimensão variável.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/artevera/?p=735>>.

Figura 02 - Mônica Nador. Mandala (estêncil), 2012. Pvc cortado a laser 30 x 30 cm (estêncil) 25x25 cm.



Fonte: Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/362821313717850802/>>.

3.2 SANDRA CINTO

A artista Sandra Cinto nasceu na cidade de Santo André em São Paulo, em 1968. Sua formação foi em Educação Artística, pela Faculdade Integrada Teresa D' Ávila, de Santo André. Ela iniciou sua carreira nos anos 90. Em 1992 ela realiza duas exposições individuais no Centro Cultural de São Paulo (CCSP), e na Galeria Espaço Alternativo em Rio de Janeiro. (CINTO, 2017).

Sua obra tem grande influência dos artistas clássicos como Giotto, e também, Magritte e De Chirico. Em seus desenhos predomina os formatos de ponte, abismo, candelabro, velas acesa, flores sem folhas e frutos. Ela trabalha também com fotografia principalmente envolvendo temas da infância e atuais, que são apropriações interligada a outros materiais como a estrutura de madeira que imita livros ou camas⁵.

Em “Imitação da Água (2010)”, o elemento água aparece como elemento simbólico de renovação, transformação e movimento.

Figura 03 - Imitação da Água, 2010 (Instituto Tome Ohtake). Sandra Cinto



Fonte: Tanya Bonakdar Gallery 5.

⁵ Disponível em: SANDRA Cinto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Acesso em: 22 mar. 2018.

Sandra Cinto estabeleceu na paisagem contemporânea uma amostra do espaço celestial, com colorações serenas e atmosféricas noturnas, é uma repetição de azul e cinza que vai aumentando até haver uma junção.

Na obra Encontro das águas (2012), a artista traz a simbologia: “jangada esperança de que nos leva a este mar.”

O trabalho de Sandra apresenta em grande proporção a água marinha, ela utiliza nesta obra tinta azul, caneta prata e faz desenhos direto na parede, usa a linha repetindo de várias formas, ângulos e comprimento, seu trabalho expressa a renovação e ao mesmo tempo o risco, pois, a artista apresenta pessoas que tiveram suas dificuldades em alto mar e foram resgatadas assim mostrando a resistência em momentos difíceis.

Figura 04 - Sandra Cinto. Encontro das águas, 2012. Caneta permanente na parede, corte de vinil em madeira dimensões do barco variável.



Fonte: Nathalie Boutté - Paper Art. Disponível em: <<http://www.premiopipa.com/2013/01/encontro-de-aguas-de-sandra-cinto/>>.

A escolha pela artista Sandra Cinto vem da aproximação com o meu trabalho por ter o tema marítimo em suas obras, e gosto também pelos materiais que utiliza, como a caneta cinza sobre a parede azul. Seu trabalho na parede assemelha-se ao meu trabalho, que também foi concretizado em paredes. Outra semelhança é a repetição dos elementos. A diferença do nosso trabalho trata-se da quantidade de reproduções, pois ela adquire em seu trabalho dimensões enormes, e

já no meu optei por fazer poucas impressões nos lugares escolhidos porque meu objetivo é outro, fotografá-lo.

3.3 SUSANO CORREIA

Sento, pois preciso escrever. Mas sobre o quê? No final tudo é sobre mim. Jogo fora duas ideias ruins, e ainda outra. E penso por um momento. Mas, se é sobre mim, como posso me desfazer dessas ideias, se elas sou eu? E ainda mais quando as desprezo, porque Há nelas um dado real, sobre algo que desaprovo em mim. Tento resgatá-las, mas é tarde. Lembro-me de algumas partes, junto os cacos. Os pedaços negados de mim espalhados pela memória. Eu sou tudo isso e ainda mais. Sou ainda mais aquilo que nem me dou conta, e muito mais aquilo que nem faço ideia. Porque o sou sinceramente sem poder deixar de sê-lo. Há mais de mim em um erro do que um acerto. (CORREIA, 2017)⁶.

O artista Susano Correia, natural de Florianópolis, formou-se pela UDESC, ele utiliza bastante as redes sociais para mostrar a urgência de suas reflexões. Seus desenhos transferem sentimentos de afeto, solidão, tédio, angústia.

Utiliza-se do desenho como forma de apresentar sua relação aos sentimentos. “Passar pelos desenhos é como atravessar a porta para seu interior [...] Diante do meu contingente psicológico me vejo encurralado num abismo de mim, onde me atiro em forma de arte.”⁷

O artista mostra em sua fala e produção artística um manifesto de sensibilidade e motivações. Percebo aproximações com o trabalho do artista, pois ambos utilizamos afeto nas produções artísticas. Suzano mostra em seus desenhos expressões faciais que transmitem sentimento, em meu trabalho utilizo âncora como símbolo de força e equilíbrio onde faço as impressões em locais afetivos como nas casas onde morei ao decorrer do curso de graduação.

⁶ Fragmento encontrado na contracapa de seu livro Notas Visuais (2017).

⁷ Disponível em: <<http://armazemdecultura.com/2016/09/30/susano-correia-tracos-literais-de-beleza-e-incomodo/>>. Acesso em: 03 abr. 2018.

Figura 05 - Susano Correia.



Fonte: Homem com naufrágio no peito, sem data. Disponível em: <<https://razaojadequada.com/2016/05/11/nietzsche-para-alem-da-saude-e-da-doenca/>>.

4 PROCESSO EM MEIO A LUGARES AFETIVOS

Ainda durante a graduação procurei me aprofundar no tema e encontrei durante a investigação significados de outra natureza, o da simbologia:

- **Barco** - além de ser conhecida como embarcação pode ser considerado também como um símbolo da travessia da vida e da morte. Representa a viagem cumprida ao longo da vida, ou a travessia que leva a alma dos mortos para outro mundo. Mas além deste significado relacionado à morte, o barco também pode ter um sentido oposto e relacionar-se à travessia em direção à vida, ao nascimento. Em termos simbólicos, o barco representa genericamente quase todos os tipos de embarcações, significa também proteção e segurança⁸.

- **Âncora** - É considerado um símbolo de firmeza, força, tranquilidade, esperança e fidelidade. Dessa maneira, ela representa a parte estável do nosso ser, ou seja, aquela que, em meio às tempestades, é capaz de manter a estabilidade dos barcos. Por vezes, porém, a âncora simboliza o atraso e a barreira, na medida em que se fixa em determinado lugar. Para os marinheiros, a âncora é o último refúgio, ou seja, a esperança na tempestade. Por esse motivo, ela simboliza também o conflito entre o sólido (a terra) e o líquido (a água). Diante disso, o conflito precisa ser resolvido para que a terra e a água juntas fecundem em harmonia⁹.

⁸ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/barco/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

⁹ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/ancora/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

- **Corda** - Simboliza ligação, vínculo, união, sobretudo quando possui um ou mais nós, significando uma ligação com as forças ocultas do universo. Já quando é representada estendida, sem nós, a corda simboliza ascensão, o ato de subir, de elevar-se¹⁰.

- **Mar/Água** - O mar simboliza a dinâmica da vida, os nascimentos, as transformações, a morte, e os renascimentos. O movimento das ondas do mar simboliza o estado transitório da vida, a ambivalência entre a realidade e as possibilidades de realidade, representa a incerteza, a dúvida, à indecisão, podendo levar tanto ao bem como ao mal. Por isso, o mar simboliza tanto a vida como a morte¹¹.

A âncora, o barco, a corda e o mar passaram a se destacar em diversos trabalhos durante os semestres em algumas disciplinas, principalmente de ateliê. Poderiam vir sozinhos, mas também todos juntos. O contexto simbólico deles também sempre me interessou. E quanto às cores, principalmente em torno dos azuis, do branco, algumas variações em vermelho (Figura 01).

¹⁰ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/corda/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

¹¹ Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/mar/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Figura 06 - Desenho em papel A4 feito com nanquim e aquarela, 2015.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com o tempo fui percebendo que em meu processo o ‘tema marítimo’ passou a se repetir constantemente, nos mais variados suportes desde o papel, a tela e em pratos de porcelana (Figura 02).

Figura 07 - Desenho com elementos marítimos sobre papel A4 e pratos de porcelana (realizado com caneta própria para o material), 2016.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O trabalho de escultura foi desenvolvido na disciplina Ateliê de Escultura, com o propósito de uma exposição titulada, O Céu e o Silêncio¹² (Figura 03). O processo partiu do formato de uma mão, onde fiz as âncoras na superfície em branco e azul e foi queimada em forno cerâmico a 1080° C. No processo mantive o foco no tema marítimo.

Figura 08 - Escultura esmaltada em branco e desenhos em azul, tamanho 30 cm, 2016.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O trabalho Anker¹³ (Figura 09), significa em inglês âncora. Composta de vários módulos em azul e branco que quando agrupados pela costura é feito o processo de repetição. O tecido foi cortado quadro a quadro, depois estampado pelo processo da serigrafia e preenchido com espuma, no final juntei todos os módulos no mesmo conjunto, assim formando a âncora, em torno de 1.0 x 80.0 cm. Fez parte do Projeto: Coletiva dos trabalhos de Conclusão de Curso de Artes Visuais Bacharelado, turma de 2017, exposto na Sala Edi Balod.

¹² Projeto: O Céu e o Silêncio. Disponível em: <<http://www.unesc.net/porta/capa/index/687>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

¹³ Disponível em: <<http://www.unesc.net/porta/capa/index/687>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

Figura 09 - Anker exposta na Sala Edi Balod (UNESC), 2017.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A partir desses trabalhos passei a pensar no Trabalho de Conclusão de Curso, e devido a forte recorrência do ‘tema marítimo’ explorado inúmeras vezes, destacando elementos principais como: a âncoras, cordas, vela, o mar/água, dessa maneira me senti motivada para aprofundar a investigação teórica e prática.

Para Salles (2014, p.58), o “processo por meio do qual se dá a conhecer algo que não existia anteriormente [...] e que passa a existir a partir de certas ações do artista que vão dando determinadas características a esse objeto em construção.”

Observei que meus colegas do curso¹⁴ tinham também afinidades com determinado tema, e por meio desta afinidade cada um trazia em seu processo criativo a repetição de um determinado desenho, que faziam referência à intimidade ou seus gostos pessoais, e percebi que também estava fazendo a repetição em meus trabalhos

De certa forma meu processo tem uma constante e está ligado ao desenho com tema marítimo, e acabo selecionando a âncora também pelo seu contexto simbólico, equilíbrio, força, tranquilidade, esperança e a fidelidade. E a

¹⁴ Andreia Soares, Bruna Bonifácio, Jhonatan Armindo, Leisla Costa, Elisabete Karp, Felipe Leonardo.

âncora é o que mais predomina no meu trabalho, pois, evoca as dificuldades que enfrentei no decorrer do curso, tornando-me estável em meio às turbulências, tornando-se assim um elemento recorrente.

Não se pode negar que a produção da obra vai se dando por meio percebemos certas regularidades no modo do artista trabalhar. São recorrências de seu modo de ação, com marcas de caráter prático. São gestos, muitas vezes, envoltos em um clima ritualístico. (SALLES, 2014, p.65).

Iniciei o processo do trabalho escolhendo uma sequência de lugares que são afetivos para mim e escolhi os locais pela ordem onde morei no período da graduação.

Usei como matéria-prima para o desenho das âncoras o acetato como suporte dos moldes, fazendo dois modelos de âncoras, menores e as maiores, e utilizei a tinta guache para as impressões nas paredes.

A matéria-prima, portanto, é limitadora e cheia de possibilidades; por isso, ao mesmo tempo, impede e permite a expressão artística. O desejo do artista libera as possibilidades numa ação extremamente ativa de ação e reação e impele para o desbravamento daquilo que parece ser não permitido. (SALLES, 2014, p.76).

A seguir, no quadro (Figura 10) trago as etapas do processo que compreende desenhar a âncora, passar para o acetato, recortar e aplicar a tinta sobre ela para a impressão na parede. O primeiro teste foi feito na parede do meu quarto.

Quanto a escolhas dos lugares para a impressão dos desenhos de âncoras, escolhi primeiramente meu ponto de partida que é a casa da minha mãe Maurina, que se localiza na cidade de Balneário Gaivota, em um bairro pequeno chamado Figueirinha, onde cresci e vivi toda minha infância, conheço todos que moram lá, fazem parte das minhas vivências.

Figura 1 - Começando os recortes.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com o decorrer do tempo e com o início do curso veio também à dificuldade de locomoção, pois onde eu morava não tinha transporte que eu pudesse ir para a Unesc, então tive que ir morar com meu irmão no centro de Balneário Gaivota. Foi nessa segunda casa que fiz as impressões, um dos lugares que foi marcante e que me ligou ao começo do meu futuro na universidade. O terceiro lugar onde faço minha impressão de afeto é na casa de meus padrinhos onde morei em outro tempo da faculdade.

Esses locais escolhidos que escolhi para fazer as minhas impressões de âncora, pois foram locais e pessoas que me deram segurança, força, tranquilidade para o decorrer da minha trajetória acadêmica, onde estão pessoas importantes da minha vida.

Iniciei fazendo as impressões na casa da minha mãe Maurina, onde cresci e vivi toda minha infância até chegar a vida adulta, onde tenho as melhores recordações (Figura 11). Foi ao sair dessa casa que comecei minha vida acadêmica, pois tive alguns contratemplos de locomoção para a faculdade e tive que dar início a um ciclo de adaptação e desapego, conseqüentemente me tornando mais

independente, pois tive que me afastar do aconchego da minha casa e da minha mãe, para dar início a um novo e importante ciclo na minha vida.

Primeiro fiz as impressões com o recorte da âncora maior e depois intercalando com as impressões menores, escolhi para primeira casa as cores mais fortes, preto e azul, por ser o início de tudo a parte difícil de deixar a minha casa, conviver menos com minha mãe, abrir mão disso por meu sonho de fazer a faculdade.

Figura 2- Impressão na parede, 2018.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 3 - Detalhe. Impressão na parede, 2018.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Na casa da minha mãe, na Gaivota, escolhi o local da parede para as impressões por ser perto de uma das características principais da casa que são as flores. No decorrer da minha pesquisa percebo que existem várias formas de pensar a repetição desde a observação que fiz das produções de meus colegas e a partir dos meus próprios trabalhos com a repetição de uma âncora que se destacava de várias formas e linguagens no meu percurso artístico, como forma de repetição do motivo.

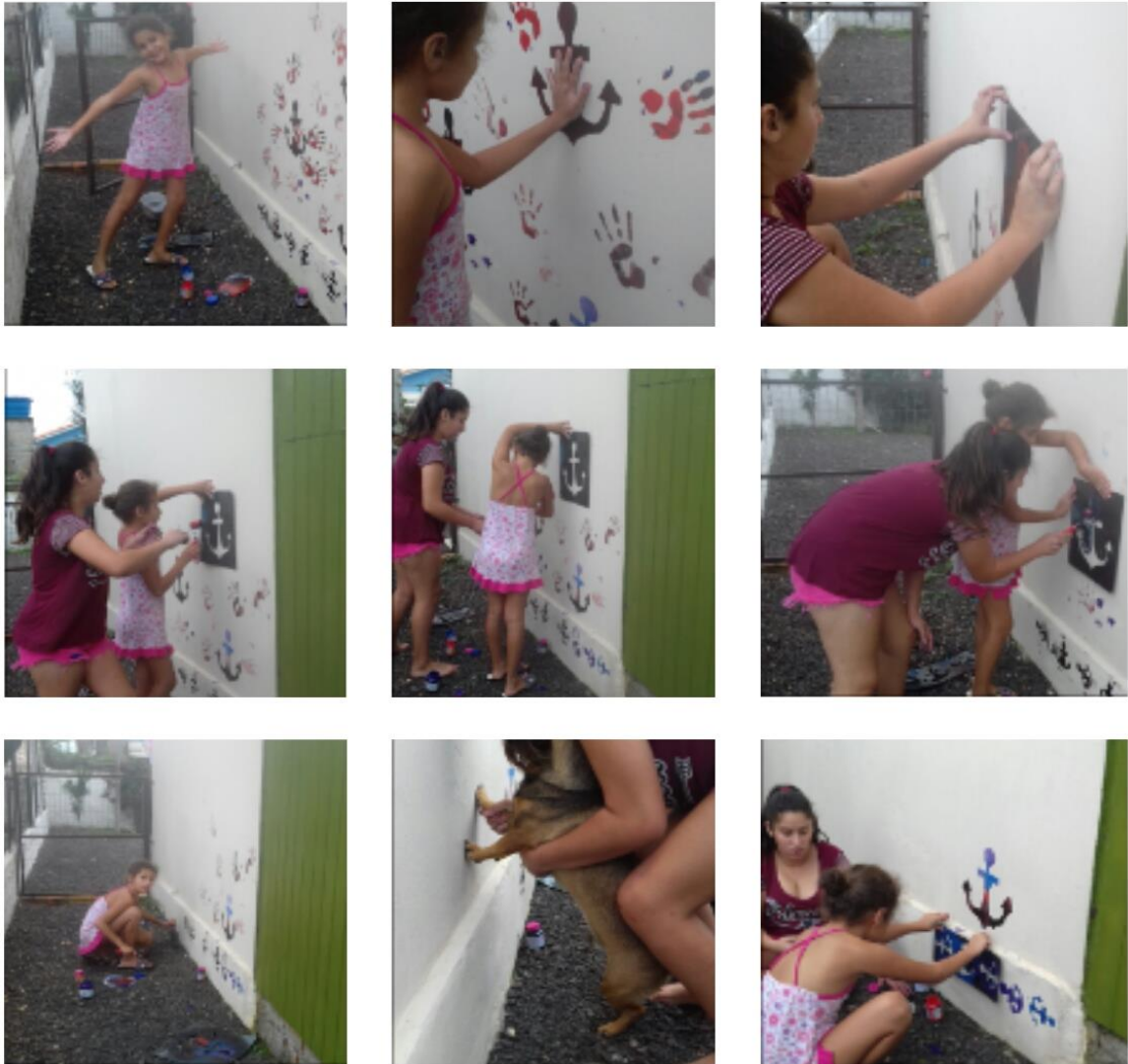
Dando sequência a mais uma impressão em um lugar afetivo situado no Balneário Gaivota (SC). A segunda casa é do meu irmão Jailson e da minha cunhada Luciana, e minhas sobrinhas Francine a menorzinha tem 8 anos e a maior Giovanna com 11 anos. A cada deles foi onde morei no começo do curso de graduação.

Começamos o dia com a organização do material para as impressões. A alegria das minhas sobrinhas foi contagiante, falei para elas que o trabalho das impressões era um trabalho da faculdade, quando me referi a fazer desenhos na parede, a alegria ficou completa.

Comecei deixando cada uma fazer sua âncora por vez, escolhendo as cores e a forma que queriam fazer a impressão, fizemos as impressões menores primeiro e depois fizemos uma grande para representar cada uma, e uma das

âncoras grandes foi pintada em conjunto misturando as cores, essa foi uma ideia delas que eu gostei muito. Colocaram suas mãos no meio das impressões das âncoras e até o Tobi, o cachorro da família, entrou na impressão com suas patas.

Figura 4 - Lugar afetivo: Gaivota (SC).



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Figura 5 - Detalhe: Lugar afetivo - Gaivota (SC).

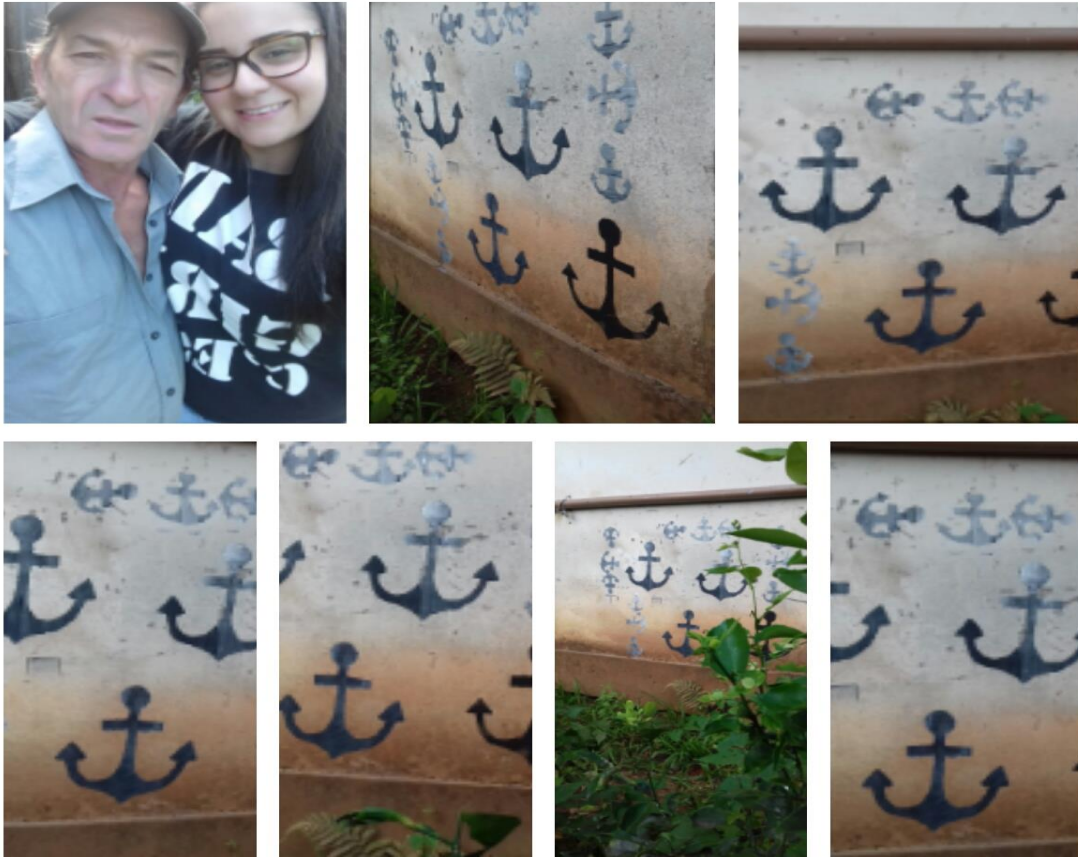


Fonte: Acervo da pesquisadora.

Finalizei com a casa dos meus padrinhos Madalena e Odair localizada no bairro da São Camilo, em Sombrio (SC). Nesse lugar onde morei boa parte da minha trajetória universitária. Aqui neste local foi onde passei minhas melhores férias na infância, onde sempre recebi muito amor e carinho.

Fiz as impressões das âncoras na cor branca e preta (Figura 15), acho que me senti influenciada pelo ambiente me remeter ao som de *rock* de meus primos e amigos, com quais obtive contato nessa fase. Neste ambiente todos gostam desse estilo musical, e essas cores me remetem a isso.

Figura 6 - Lugar afetivo: São Camilo - casa dos meus padrinhos.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

4.1 DESDOBRAMENTOS - LUGARES AFETIVOS

Encontrei nos registros fotográficos uma maneira de capturar as impressões realizadas por mim e também por pessoas que fazem parte do meu contexto afetivo. O uso da fotografia como forma de registrar o momento único de união e cumplicidade em realizar um trabalho artístico. “Toda fotografia pode ser considerada sob o ângulo do documento ou sob o ângulo da obra de arte. Não se

trata de duas espécies de foto. É o olhar de quem a considera que decide.” (LEMAGY, 1987, p.159).

Minha produção trata-se de impressões na parede com o desenho de âncora, escolhi esse desenho para as impressões por ter um significado forte como firmeza, força, tranquilidade esperança e fidelidade, significações que tive e que sinto desses lugares onde passei minha trajetória, depois das impressões em paredes, foram feitas as fotografias, os registros onde mostrei a produção sendo feita e finalizada.

O ato de fotografar captura o que se quer expressar com total perfeição de detalhes é congelar momentos para todo o sempre não será mais esquecido, é deixar algo capturado para a história. Dubois (2003, p.27) diz que, “a fotografia é considerada como a imitação mais perfeita da realidade.”

Fotografar é também documento de registro e não só no campo artístico, utilizo a fotografia na rua nas paredes. A fotografia fez com que as pessoas se familiarizassem com a exterioridade de outros lugares, mas, como menciona Rouillé (2009, p.20), “a relação que se tinha com essa exterioridade era delegada ao fotógrafo, e as relações eram substituídas pela imagem e não mais se estabeleciam pelo contato direto. Aos poucos o mundo era transposto em imagens para os álbuns e arquivos.”

O fotografar como documento traz o registro do trabalho como que não pode ser movido do lugar, mas mesmo assim sendo registrado não perde sua essência não trazendo o ato físico do processo, mas sim o ato final da produção.

A fotografia contribui para a modernização do conhecimento e do saber científico, mas esse processo de modernização extingue toda a subjetividade dos documentos, o que significa “registrar, sem esquecimento nem interpretação, para autenticar, ou para substituir, o próprio objeto”. (ROUILLÉ, 2009, p.109).

Desse modo, os registros fotográficos serviram para a pesquisa para relembrar a intervenção/impressão nos lugares, e sim, também como documentação que comprova que existiu uma experiência em algum lugar.

Assim, “Desdobramentos - Lugares Afetivos”, nome dado para minha produção final, consiste de seis registros fotográficos impressos sobre PVC, tamanho A3.

Com a produção “Desdobramentos - Lugares Afetivos”, participei da exposição coletiva “ENTREMEIO”, na noite de 18 de junho de 2018, e que consiste de trabalhos desenvolvidos pelos acadêmicos da oitava fase do curso de Artes Visuais - Bacharelado, e que, trazem diversas expressões artísticas por meio de pinturas, fotografias, projeções, e outras. A exposição teve como propósito revelar o resultado das criações artísticas dos acadêmicos para os Trabalhos de Conclusão de Curso, expostas na Sala Edi Balod.¹⁵

Abaixo trago alguns dos resultados da exposição no Edi Balod e do público que veio prestigiar a exposição (Figura 16, 17)

Figura 7 - DESDOBRAMENTOS - Lugares Afetivos, 2018. Produção com 06 registros fotográfico sobre PVC, tamanho A3.



Fonte: Acervo da Sala Edi Balod.

¹⁵ Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/nossa-unesc/blog/41922-exposicao-entremeio>.
<http://www.unesc.net/portal/blog/ver/213/41915>. Acesso em: 26 jun. 2018.

Figura 17 - DESDOBRAMENTOS - Lugares Afetivos, 2018. Produção com 06 registros fotográfico sobre PVC, tamanho A3.



Fonte: <http://www.unesc.net/porta1/blog/ver/213/41915>.

5 IMPRESSÕES PARA CONCLUIR

Ao final dessa investigação “Desdobramentos do processo artístico em meio a lugares afetivos”, compreendo que fiz uma escrita e prática onde consegui mostrar os lugares afetivos que passei nessa caminhada universitária, mostro também através das minhas fotografias pessoas que sinto afeto como minhas sobrinhas e meu padrinho que apareceram nas fotos dos processos.

Fiz minha trajetória com o desenho na impressão na parede do tema marítimo, esse tema que venho desde o começo apresentando em meus trabalhos, e nos meus lugares afetivos onde encontro o carinho e a atenção dos meus familiares, as impressões da âncora localizam-se agora em meus pontos de ancoragem onde tive apoio na minha trajetória até aqui da faculdade e onde permanece o apoio e o carinho, se tornando meus lugares de firmeza, força, tranquilidade, esperança e fidelidade.

Cada momento vivenciado em torno dos lugares afetivos com as pessoas que convivo no meu dia a dia, encheu-me de encanto, reflexões e força. Em cada um deles encontrei o necessário para compor artisticamente minha produção artística “Desdobramentos - Lugares Afetivos”, exposta na coletiva “ENTREMEIOS”, na Sala Edi Balod, da Unesc.

Chego ao término desta pesquisa, que acredito ainda pode gerar novas possibilidades e bons frutos, com a sensação de dever cumprido. Almejo que a pesquisa aqui apresentada possa contribuir com novas impressões sobre outros lugares afetivos, e sobre as marcas que queremos deixar nas pessoas e nos lugares que convivemos.

REFERÊNCIAS

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Espaço e lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009a.

CINTO, Sandra. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10461/sandra-cinto>>. Acesso em: 20 maio 2018.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2006.

CORREIA, Suzano. **Notas visuais**. Florianópolis: Edição do autor, 2017.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FERREIRA, Glória (Org.); COTRIM, Cecília. **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HUYGHE, René. **Sentido e destino da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

NADOR, Mônica. **Mônica Nador**. Disponível em: <<https://www.escritoriodearte.com/artista/monica-nador>>. Acesso em: 20 maio 2018.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Intermeios, 2014.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. Campinas: Autores Associados, 2006.